

<<

PRÁTICAS DE LEITURA/ESCRITA EM SALA DE AULA

*Honoralice de Araújo Mattos Paolinelli (UNINCOR)**Sérgio Roberto Costa (UNINCOR)*

Introdução

O ensino tradicional da língua materna pode ser caracterizado por seu feito predominantemente normativo e conceitual. Esse tratamento privilegiado da forma se faz visível na atenção especial dedicada à ortografia, à produção e à sintaxe.

Na década de 70 e sobretudo a partir dos anos 80, a hegemonia dessa concepção formalista passou a ser contestada com o surgimento de teorias inspiradas no sociointeracionismo, na teoria da enunciação e do discurso e na lingüística do texto.

Segundo essas teorias, a prática lingüística seria uma forma de interação de sujeitos, e o texto, o resultado dessa interação. Assim além das formas lingüísticas, passam a ser estudadas com interesse crescente as relações entre essas formas e seu contexto de uso, suas condições de produção e o processo mental de todos esses elementos pelos sujeitos falantes. Desse modo, o ensino da linguagem - antes conceitual e normativo - passa a ser centrado no uso e no funcionamento da língua enquanto sistema simbólico, situado num contexto sócio-histórico determinado.

É a partir dessa compreensão que se formula a expressão "produção de texto", com a qual se pretende evidenciar o ato, o processo de elaborar um texto.

Desenvolvimento

Ensinar a ler é uma tarefa de todo professor, não sendo exclusividade do de Língua Portuguesa, quase sempre responsabilizado pela dificuldade do aluno de interpretar questões de outras disciplinas. O desconhecimento do que seja leitura e dos processos sócio-cognitivos nela envolvidos leva as pessoas a construírem um conceito limitado desta ação de linguagem.

A noção textual usualmente presente na escola empobrece o trabalho com a leitura/escrita, pelo fato de tratar de maneira idêntica qualquer texto, desconsiderando suas especificidades e intenções.

No ambiente escolar, o texto é abordado como um produto, ignorando-se, assim, a dinamicidade de seu processo de significação, que inclui a consideração de estruturas, de conhecimentos prévios partilhados, de múltiplos recursos semióticos, como a imagem e, ainda, as condições de produção: o contexto, os sujeitos envolvidos nessa ação de linguagem, as intenções comunicativas, o meio de circulação do texto.

Apesar do surgimento das novas teorias que sustentam a produção textual, a partir dos anos 80, a qualidade das redações dos alunos pouco alterou. Os textos continuam artificiais, padronizados, mal seqüenciados, intraduzíveis e fora de seu contexto de produção.

Para que haja mudança no quadro é necessário que o professor passe a olhar a produção escrita do aluno não atrás de erros, atentando apenas para a linearidade do texto, mas buscando ver o significado e as formas de construção desse significado.

A escola é tomada como um autêntico lugar de comunicação e as situações escolares como ocasiões de produção/recepção de textos. Portanto, no ambiente escolar, a produção de textos deve inserir-se num processo de interlocução, o que implica a realização de uma série de atividades mentais - de planejamento e de execução - que não são lineares nem estanques, mas recursivas e interdependentes.

"É impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto." Essa posição defendida por Bakhtin (1997) e também por Bronckart (1999) é adotada pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos e não em suas peculiaridades formais. Essa visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva.

É nesse contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo. O trabalho com gêneros textuais é uma excelente oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos no dia-a-dia, pois nada do que fizermos lingüisticamente está fora de ser um gênero.

No trabalho com produção de textos é importante ainda fazer-se uma distinção entre gêneros textuais e tipos textuais.

O primeiro é usado para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição, ou seja, aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas. Cada tipo textual possui pistas lingüístico-discursivas características e as seqüências lingüísticas são norteadoras.

Já a expressão gênero textual refere-se a textos materializados, encontrados em nossa vida diária e que representam características sócio-comunicativas definidas por seus conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição próprios.

Enquanto os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros, devido à enorme diversidade das atividades enunciativo-discursivas das esferas sociais, ou seja, domínios discursivos. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bem específicos. Assim, falamos em discurso religioso, discurso jurídico, discurso jornalístico. As atividades sociais é que dão origem a vários deles, constituindo práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais. Os domínios discursivos são as grandes esferas da atividade humana em que os textos circulam.

Para aprender a escrever um gênero determinado de texto é necessário que os alunos sejam postos em contato com um corpus textual desse mesmo gênero, que lhes sirva de referência em situações de comunicação bem definidas e reais.

É função do professor fornecer ao aluno condições adequadas de elaboração, permitindo-lhe empenhar-se na realização consciente de um trabalho lingüístico que realmente tenha sentido para si, e isso só é conseguido à medida que a proposição de produção textual seja bem clara e definida, apresentando-se as "coordenadas" do contexto de produção. É necessário que o aprendiz possa sentir que realmente está produzindo para um leitor (que não deve ser apenas o professor), eliminando a exclusividade das situações artificiais de produção textual tão presentes no cotidiano da escola.

Com o objetivo de trabalhar diversidade de textos em situações concretas e reais de comunicação, será apresentada uma proposta prática de produção de texto em sala de aula.

Esse trabalho foi desenvolvido com alunos da 2ª e 3ª séries do Ensino Médio da E.E. "Presidente Tancredo Neves", de Carmópolis de Minas -MG

Relato das atividades desenvolvidas

No mês de agosto de 2003, os alunos da referida escola estavam envolvidos com a organização do Iº Festival de Dança, evento que mobilizou toda a comunidade escolar, por se tratar de algo cuja motivação chega a ser espontânea, em se tratando de juventude: movimentação do corpo.

As atividades a serem desenvolvidas constavam de:

pesquisa do ritmo musical previamente escolhido pelo grupo, exibição de coreografia e apresentação de lâminas, durante o "show", sobre o conteúdo pesquisado".

No período de agosto a outubro, aproveitando-se o "clima" de euforia que impregnava o ambiente escolar, foram desenvolvidas várias atividades de produção textual envolvendo diversidade de gêneros. O conteúdo temático era sempre o mesmo, variando-se o contexto de produção.

O primeiro gênero a ser abordado foi a propaganda, já que era necessário fazer-se a divulgação do evento.

O segundo foi a notícia, pois o jornal da cidade possui um espaço reservado para a divulgação das promoções sócio-culturais feitas pelas escolas.

O terceiro surgiu de uma necessidade flagrante: como o festival havia dado uma renda muito além das expectativas, tornou-se necessário definir prioridades a fim de se fazer um bom investimento. Tais prioridades foram definidas pelos próprios alunos, após reuniões e discussões, restando dirigir-se à administração da escola para fazer solicitação. Daí o requerimento.

Antes de se fazer a proposta concreta da produção de texto, o aluno foi colocado em contacto com o corpus textual de cada gênero a ser solicitado, o qual lhe serviria de referência.

A leitura e a análise dos textos levados para a sala de aula abordaram os seguintes aspectos: circulação, domínio discursivo e gênero textual (conteúdo temático, estrutura composicional e estilo). Durante o estudo e a análise de cada gênero, o professor levou o aluno a perceber a função de recursos lingüístico-discursivos que traduzem as intenções do autor e situam o texto em determinado tipo: relato, narração, descrição e outros tipos textuais possíveis de serem criados.

Após o estudo detalhado de cada gênero, fizeram-se as propostas de produção de texto, iniciando-se com a propaganda, depois a notícia e finalmente o requerimento.

Houve um intervalo entre uma proposta e outra, a fim que todas as etapas do processo de produção fossem cumpridas, ou seja, garantir o desenvolvimento de todas as atividades mentais de planejamento, execução e revisão necessárias à semiotização de um texto.

As propostas concretas foram as seguintes:

1ª - Gênero textual : propaganda

Circulação : cartazes a serem expostos nos murais da escola e em locais públicos

Emissor : escola (alunos, professores, diretor e demais funcionários)

Receptor : comunidade escolar e público em geral

Objetivo: divulgar o evento e convidar o público a participar.

2ª - Gênero textual : notícia

Domínio discursivo : jornalístico

Circulação : Jornal de Carmópolis, periódico mensal local

Emissor : aluno

Receptor : leitores do referido jornal, público diversificado

Objetivo : noticiar o evento "Festival de Música"

3ª - Gênero textual : requerimento

Emissor : alunos da turma X

Receptor: Diretor da escola E.E."Presidente Tancredo Neves"

Objetivo : solicitar aplicação do dinheiro arrecadado pelo festival naquilo que os alunos julgaram ser prioridade no momento.

Das atividades mentais que compõem a produção textual, a revisão talvez seja a mais árdua. No entanto, quando o aprendiz tem consciência de que seu texto vai circular além dos quatro muros da escola, a revisão passa a ser uma meta prioritária.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 280-326.

DIONÍSIO, Ângela. MACHADO, A.R. BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

SANTOS, Terezinha Maria Barroso. *Práticas de leitura em sala de aula*. Juiz de Fora: Lame/Nupel/UFJF, 2000.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim: Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *Revista Brasileira de Educação*, nº 11, p. 5-15, mai/jun/jul/agos 1999.

SUASSUNA, Livia. Produção de textos escritos: Tendências e desafios do ensino. *Revista Pedagógica*, v. 4, n. 24, p. 31-35, nov/dez 1998.

VAL, Maria das Graças Costa. O que é produção de texto na escola? *Revista Presença Pedagógica*, v. 4, n. 20, p. 83-85, mar/abr. 1998)

SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS

Prof. Dr. Marcos Baltar - UCS

Há muito se tem falado em leitura e produção de textos nas nossas salas de aula. Entretanto uns professores pedem para os alunos escrever uma redação, outros pedem uma pequena narrativa, outros um pequeno texto, outros uma composição, outros pedem para que os alunos escrevam cartas, bilhetes, anúncios, contos, etc.

Na tentativa de resolver essas *hesitações terminológicas*, e a título de sistematização de nosso trabalho de pesquisa-ação UCS-PRODUTORE: laboratório de produção e de recepção de textos – os gêneros textuais, proporemos as seguintes definições:

- Chamaremos de **TEXTOS** as unidades básicas de ensino que se organizam sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, o que os caracteriza como pertencentes a um determinado gênero textual. Para os PCN, por exemplo, o texto e a noção de gênero textual, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino em nossas escolas.

Em Bronckart (1999 p. 75) lê-se : “[...] chamamos de texto toda a unidade de produção de linguagem situada, acabada e auto-suficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação). Com relação ao texto empírico o autor diz:

[...] todo o texto empírico é o produto de uma ação de linguagem , é sua contraparte, seu correspondente verbal ou semiótico; todo o texto empírico é realizado por meio de empréstimo de um gênero e, portanto, sempre pertence a um gênero; entretanto todo texto empírico também procede de uma adaptação do gênero-modelo aos valores atribuídos pelo agente à sua situação de ação e, daí, além de apresentar as características comuns ao gênero, também apresenta propriedades singulares, que definem seu estilo particular. Por isso, a produção de cada novo texto empírico contribui para a transformação histórica permanente das representações sociais referentes não só aos gêneros de textos (intertextualidade), mas também à língua e às relações de pertinência entre textos e situações de ação.” (Bronckart 1999 p.108).

- chamaremos de **GÊNEROS TEXTUAIS** a diversidade de textos que ocorrem nos ambientes discursivos de nossa sociedade, os quais são materializações lingüísticas de discursos textualizadas, com suas estruturas relativamente estáveis, conforme Bakhtin, disponíveis no intertexto para serem atualizados nos eventos discursivos que ocorrem em sociedade; em outras palavras os Gêneros Textuais são unidades triádicas relativamente estáveis, passíveis de serem divididas para fim de análise em *unidade composicional*, *unidade temática* e *estilo*, disponíveis num inventário de textos (arquitexto ou intertexto), criado historicamente pela prática social, com ocorrência nos mais variados ambientes discursivos, que os usuários de uma língua natural atualizam quando participam de uma atividade de linguagem, de acordo com o efeito de sentido que querem provocar nos seus interlocutores.

Vejamos o que nos diz Bronckart (1999 p. 137):

Na escala sócio-histórica, os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis (justificando-se que sejam chamadas de gêneros de textos) e que ficam disponíveis no intertexto como modelos indexados, para os contemporâneos e para as gerações posteriores.

- chamaremos de **MODALIDADES DISCURSIVAS** as formas de organização lingüístico-discursivas em número limitado que existem e que são percebidas no folhado textual dos gêneros textuais na forma de predominância, com a finalidade de produzir um

efeito discursivo específico nas relações entre os usuários de uma língua, como é o caso do *narrar*, do *relatar*, do *argumentar*, do *expor*, do *descrever* e do *instruir*. Poderíamos acrescentar ainda a modalidade discursiva do *dialogar* e o *autotélico*, esse último conforme (Adam, 1992).

- chamaremos **SEQÜÊNCIAS TEXTUAIS** os modos de organização linear que visam a formar uma unidade textual coesa e coerente, que vão expressar lingüisticamente o efeito de sentido que as modalidades discursivas pretendem instaurar na interação entre os interlocutores de uma atividade de linguagem. De acordo com as modalidades discursivas e a serviço da sua textualização em um determinado gênero textual, as seqüências textuais, homônimas dessas modalidades discursivas são fruto de uma reestruturação da unidade temática de um texto de um determinado gênero textual, organizado na mente do produtor desse texto de forma lógica em macroestruturas semânticas, que operam no eixo paradigmático da escolha e no eixo sintagmático da combinação, que necessitam, no ato de sua textualização, serem organizadas linearmente para a formatação de um texto.
- chamaremos de **SUPORTES TEXTUAIS** os espaços físicos e materiais onde estão grafados os gêneros textuais, como por exemplo, o livro, o jornal, o computador, o folder, o manual de instrução, a folha da bula de remédio, etc. Numa concepção ampla de texto, sob o ponto de vista da semiótica, a televisão, o cinema, o rádio o “outdoor” também podem ser considerados como suportes textuais. Marcuschi (comunicação pessoal) aponta para alguns suportes denominados “incidentais” e dá como exemplo uma tatuagem afixada em um a parte do corpo humano, ou ainda uma inscrição produzida no céu – no ar – por um avião da esquadrilha da fumaça. Poderíamos acrescentar a areia da praia que serve de suporte para pequenos poemas, tal qual os troncos de árvores; ou, até mesmo, as portas dos banheiros de nossas universidades.
- chamaremos de **AMBIENTES DISCURSIVOS** os lugares ou as instituições sociais onde se organizam formas de produção com respectivas estratégias de compreensão onde ocorrem as atividades de linguagem, através dos textos empíricos classificados em gêneros textuais; por exemplo, o Ambiente Discursivo escolar, acadêmico, mídia, jurídico, religioso, político, etc. Há ainda que se considerar que esses ambientes discursivos os “lieux sociaux” podem ser recortados em formações discursivas, de acordo com as suas formações sociais, conforme (Foucault, 1969).
- chamaremos de **EVENTOS DISCURSIVOS** as atividades de linguagem que se dão no tempo e em determinados ambientes discursivos, através de gêneros textuais constituídos de modalidades discursivas e de seqüências textuais, envolvendo enunciadores determinados, com objetivos específicos de interagir com enunciatários reais.
- admitiremos o uso de **GÊNEROS DE DISCURSO**, como o discurso do judiciário, da mídia, da escola, da academia, o discurso religioso, o familiar, o político, etc.; referindo-se respectivamente aos AMBIENTES DISCURSIVOS correspondentes.

Obs.: Enquanto que o número de gêneros textuais numa determinada sociedade é, em princípio, *ilimitado*, ampliando-se de acordo com os avanços culturais e tecnológicos, sendo passível de se fazer um corte sincrônico num determinado tempo e lugar, para efeito de análise, o número de modalidades discursivas é menor e mais ou menos *limitado*. Vejamos a seguinte tabela para melhor compreender estas definições :

Tabela 1. Terminologia

GÊNERO TEXTUAL	MODALIDADE DISCURSIVA	SUPOORTE DO TEXTO	AMBIENTE DISCURSIVO (INSTITUIÇÃO)	INTERAÇÃO VERBAL ENUNCIADORES
NOVELA	Narrar	Televisão	Mídia televisiva	Autores telespectadores
CRÔNICA	Expor / Argumentar	Seção coluna de jornal/revista	Mídia impressa jornal/revista	Escritor leitor de jornal/revista
ROMANCE	Narrar	Livro	Indústria literária	Escritor leitor
ENTREVISTA	Interativo/Dialogal	Revista	Mídia escrita	Jornalista e entrevistado/leitor
CARTA OFÍCIO	Expor/Argumentar	Folha papel timbrado e envelope	Acadêmico escolar oficial	Universidade/Escola Prefeitura
BIOGRAFIA	Relatar	Livro	Indústria Literária	Escritor/Leitor
MANUAL DE INSTRUÇÃO DE TV	Instruir	Folheto, folder, livro impresso	Indústria-comércio (mercantil)	Empresa indústria cliente
CHEQUE	Expor/Instruir	Talão de cheque	Bancária	Cliente - banco
EDITORIAL	Argumentar/Expor	Jornal /revista impressos	Mídia jornal impresso	Empresa (jornal/revista) leitor
NOTICIÁRIO	Relatar	Jornal tevê rádio	Mídia	Apresentador público
NARRAÇÃO DE JOGO DE FUTEBOL	Narrar	Rádio/TV	Mídia esportiva	Narrador – ouvintes/telespectadores

Ver Marcuschi (2000), e Bronckart (1999).